



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES-CAMPUS DE GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARCIONILA LIRA DA SILVA LIMA

**A RELAÇÃO ENTRE O CONTO DE FADAS TRADICIONAL E O
CONTO DE FADAS MODERNO**

GUARABIRA-PB
2013

MARCIONILA LIRA DA SILVA LIMA

**A RELAÇÃO ENTRE O CONTO DE FADAS TRADICIONAL E O
CONTO DE FADAS MODERNO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Marilene Carlos do Vale Melo

GUARABIRA-PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L325r Lima, Marcionila Lira da Silva

A relação entre o conto de fadas tradicional e o conto
de fadas moderno / Marcionila Lira da Silva Lima. –
Guarabira: UEPB, 2013.

42f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr^a. Marilene Carlos do Vale Melo.

1. Literatura Infantil 2. Contos de Fadas 3. Contos de
fadas - Moderno I. Título.

22.ed. CDD 028

MARCIONILA LIRA DA SILVA LIMA

A RELAÇÃO ENTRE O CONTO DE FADAS TRADICIONAL E O CONTO DE
FADAS MODERNO

BANCA EXAMINADORA

Marilene Carlos do Vale Melo

Prof^{Dr}. Marilene Carlos do Vale Melo

(Orientadora). 070852904-63

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof^{Dr}. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

CPF: 025071614-34

José Haroldo Nazaré Queiroga

Prof^{Ms} José Haroldo Nazaré Queiroga

CPF: 08093068404

Aprovada em 27 de agosto de 2013.

GUARABIRA - PB

2013

A RELAÇÃO ENTRE O CONTO DE FADAS TRADICIONAL E O CONTO DE FADAS MODERNO

Marcionila Lira da Silva Lima

RESUMO

Contar histórias é sem dúvida uma maneira extraordinária de viajar na fantasia de viver determinado personagem de poder se encantar com cada tema que o conto venha a tratar. Deste modo, o presente artigo configura-se em mostrar, no âmbito da literatura infantil, a importância e características dos contos de fadas tanto no seu aspecto tradicional quanto no moderno, fazendo a análise da história Cinderela, na versão tradicional dos irmãos Grimm e no texto moderno *Onde tem bruxa tem fada...*, de Bartolomeu Campos Queirós.

PALAVRAS-CHAVE: Conto de Fadas Tradicional - Conto de Fadas Moderno - Personagem

INTRODUÇÃO

A fantasia, o mágico, o maravilhoso fazem parte da vida de todas as crianças. São esses aspectos que os contos de fadas despertam na pessoa que lê ou ouve uma narração desse gênero, seja ele criança ou adulto, não importa.

Entre as múltiplas causas capazes de explicar esse fascínio estaria o fato de que provavelmente, desde a origem dos tempos, o homem deve ter sentido a presença (ou força) de poderes muito maiores do que sua própria vontade e poder pessoal ou de mistério que o atingiam, sem que sua mente conseguisse explicar, conhecer ou compreender. (COELHO, 1998, p.10).

A exemplo desse mundo de fantasias, tratamos, neste trabalho, sobre os contos de fadas, sua tradição e sua modernidade. Utilizamos para exemplificar os contos de fadas tradicionais a narrativa de *Cinderela* a versão dos irmãos Grimm e, para os contos modernos, a narrativa *Onde tem bruxa tem fada.....*, de Bartolomeu Campos de Queirós.

Iniciamos nosso estudo tratando sobre os contos de fadas, sua origem, tradição e sua modernidade. Para isso, escolhemos os dois contos referidos para análise dos aspectos caracterizadores e para estabelecer os traços diferenciais entre eles.

A base teórica sobre a origem e características dos contos de fadas, está fundamentada nas teorias de Fanny Abramovich, Kátia Canton, Nelly Novaes Coelho e Regina Machado.

1- O CONTO DE FADAS TRADICIONAL E O MODERNO

Apesar de muitas pessoas pensarem que os contos de fadas se resumem apenas ao imaginário ou a ilusão de algo que nunca aconteceu, eles são bem mais que isso, são histórias vividas, transformadas, recontadas passadas de geração em geração que, com o passar dos anos, ganharam um certo encantamento, trazendo consigo relatos importantes do passado.

É bem verdade também que os contos de fadas, por pertencerem à literatura infantil, não significam que sejam histórias apenas para crianças, mas sim, para qualquer leitor que se identifique com ela.

Quando ouvimos um conto – adultos ou crianças -, temos uma experiência singular, única, que particulariza para cada um de nós, no instante da narração, uma construção imaginativa que se organiza fora do tempo da história cotidiana, no tempo do “era”. Tal experiência diz respeito à universalidade do ser humano e, ao mesmo tempo, à existência pessoal como parte dessa universalidade. (MACHADO, 2004, p. 23).

Na literatura infantil, encontramos a manifestação da cultura de forma a sensibilizar a consciência do leitor para a visualização crítica do mundo. Nela identificamos a interpretação da realidade vivida pela criança. Antes de ganhar seu espaço a literatura infantil era tida como uma literatura secundária em que o adulto a enxergava como algo cheio de infantilidade, que servia apenas como forma de entretenimento.

Ao passar os anos, esses pensamentos foram deixados de lado, visto que foi percebida a importância da literatura infantil, tanto no desenvolvimento das habilidades básicas da criança, como no desenvolvimento da atenção, de resolver problemas, de memorizar bem e possuir conhecimento na linguagem, além de oferecer uma viagem de encantamento pelo mundo através das histórias.

À medida que ouvimos a história, somos transportado para “lá”, esse local desconhecido que se torna imediatamente familiar. A história só existe quando é contada ou lida e se atualiza para cada ouvinte ou cada leitor. “Era uma vez” quer dizer que a singularidade do momento da narração unifica o passado mítico – fora do tempo – com o presente único – no tempo – daquela pessoa que a escuta e a presentifica. É a história dessa pessoa que se conta para ela por meio do relato universal. (MACHADO, 2004, p.23).

Assim, a literatura infantil torna-se muito valiosa, por viabilizar ao leitor o desenvolvimento de sua imaginação, de reflexão sobre diversas coisas existentes no mundo, como o bem o mal, o respeito ao próximo de modo significativo e encantador, além de despertar, de forma prazerosa, o sentido de ser leitor. Como fala Abramovich (1994, p.17)

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

Deste modo, os textos literários infantis possuem aspectos fantásticos, que possibilitam às crianças interpretar as narrativas de acordo com sua imaginação, desenvolvendo a criatividade que flui e invade o espaço lúdico, transformando a sua vida, fazendo com que ele construa novas histórias a partir de outras histórias, transformado o leitor em autor.

Os contos de fadas tiveram seu surgimento há muito tempo. Difícil de precisar, mas sabemos que, graças à tradição oral, conseguiu sobreviver. Acredita-se que, a partir das histórias contadas e recontadas por pessoas comuns em lugares comuns, de forma oral, apenas pelo simples prazer de contá-las, tenham nascidos os contos de fadas.

A realidade categoricamente brutal, segundo Canton (1994), vividas pelas pessoas de classe inferiores da sociedade, é transformada simbolicamente em suas histórias. Desse modo, os camponeses sofredores nos contos podiam ter suas vidas transformadas em uma vida bem melhor, tornando-se príncipes e princesas, enriquecendo e, sobretudo, eram felizes para sempre.

O conto popular de magia faz parte de uma tradição oral pré-capitalista que expressa os desejos das classes inferiores de obterem melhores condições de vida, enquanto o termo, *conto de fadas*, indica o advento de uma forma literária que se apropria de elementos populares para apresentar valores e comportamentos das classes aristocrática e burguesa. O mundo oral do conto popular de magia é habitado por reis, rainhas, soldados e camponeses, e raramente contém personagens da burguesia. Além disso, em suas origens, os contos de fadas eram amorais e abordavam a luta da classe real a competição pelo poder, apresentando uma dura realidade de miséria, injustiça e exploração. (CANTON, 1994, p.30)

Na França, no século XVII, Charles Perrault conseguiu iniciar a passagem dessas narrativas orais para os textos escritos para crianças.

Nos contos de fadas, estão personagens se caracterizam como heróis ou heroínas por enfrentarem diversos desafios e, no fim, triunfarem sobre o mal. A exposição de uma problemática simples também é uma característica muito presente nesse gênero textual, atuando por meio da repetição de elementos, como também pela simplicidade do discurso como da narrativa, visando, assim, uma aproximação maior da mente popular e infantil.

É característica dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos. (BETTELHEIM, 2001, p.15)

O conto de fadas tradicional, segundo Coelho (2000, p. 19-23) corresponde a valores pré-estabelecidos e consagrados, como o individualismo.

Na modernidade, a literatura infantil revitalizou as narrativas antigas, como os contos dos irmãos Grimm e Perrault, dando um novo tratamento e apresentando discussões sobre temáticas atemporais.

Realidade e imaginação adquirem igual importância no novo universo literário infantil, onde se cruzam linhas narrativas bem diferentes entre si – desde a que se volta para o real – objeto, fixado diretamente por um olhar crítico e questionador, até a indefinição de fronteiras entre a realidade e o imaginário. Em qualquer um desses registros está patente ou latente a valorização da palavra literária (ou da imagem) como agente de criação de novas realidades ou de nova consciência-de-mundo. (COELHO, 2000, p.131)

Consideremos, assim, que os novos contos trazem uma renovação na linguagem, nos desfechos, enfatizando mais a questão do perdão, do bem e da felicidade do ator principal, insensível ao destino do vilão, enquanto que nos contos tradicionais, segundo Bettelheim (2001, p.15):

Ao contrário do que acontece em muitas histórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo o homem. É esta dualidade que coloca o problema moral requisita a luta para resolvê-lo.

Independente da tradição ou da modernidade, com vestimentas inocentes e com asinhas, ou com elegância e maquiadas, com varinha de condão, ou não, as fadas continuam a encantar.

2 – A RELAÇÃO DOS TEXTOS

A narrativa tradicional conta a história de Cinderela, que muito cedo perdeu sua mãe. Algum tempo depois, o pai da menina resolveu casar-se novamente. Sua futura, madrasta tinha duas filhas de aparência muito bonitas, mas de índole cruel.

O conto considerado tradicional caracteriza uma situação familiar desarmônica, na qual a mocinha é vítima da crueldade de sua madrasta e filhas. Todavia o bem e a virtude sempre vencem o mal no final.

Assim, Cinderela foi transformada em serviçal, sofrendo várias humilhações e maus-tratos por parte da madrasta e de suas filhas, sendo obrigada a trabalhar durante todo o dia em tarefas pesadas, sem ter a ajuda de alguém nas tarefas e nem um local digno para descansar durante à noite. E ao que parece, o pai era omissos a tudo isso que acontecia a Cinderela.

O foco da narrativa está na ida de *Cinderela* à festa que o rei decidiu realizar convidando todas as moças bonitas do reino para participar. Nessa festa, seu filho, o príncipe, escolheria sua futura esposa. Ao ficarem sabendo da festa, as duas filhas da madrasta chamaram Cinderela para que ela as ajudasse a se arrumar para irem ao baile. Muito triste em pensar que não poderia ir à festa Cinderela cumpriu o que elas haviam mandado. No entanto, resolveu pedir a madrasta permissão para também ir ao baile e, depois de muito insistir, atribuiu-lhe tarefas difíceis de realizar em tempo de ir ao baile.

A narrativa *Onde tem bruxa tem fada...*, de Bartolomeu Campo de Queirós, conta a história de Maria do Céu, a personagem principal, uma fada que, cansada de ser ideia no céu, transformou-se novamente em fada e voltou à terra, com o intuito de tornar real os sonhos, os desejos das crianças.

Um ideia Maria do Céu cansou de ser ideia.
Fez um vestido de nuvem.
Pedi emprestado os sapatinhos de um anjo.
Arrancou sua estrela e colocou na ponta de
Pedaço de raio de sol.
Com retalhos de papel de seda resto de
Papagaio solto de linha, construiu um chapéu...
E Maria, ideia no céu, virou fada.

Isto faz poucos dias...

Maria do Céu escorregou num raio de lua até a terra. (QUEIRÓS, 1982, p. 9 e 10)

O autor conseguiu fazer a união do mundo concreto com o mundo imaginário dos pequenos, de forma prazerosa.

Além da personagem principal, há outros personagens presentes na narrativa: algumas crianças, o prefeito, o banqueiro, o industrial, o economista, o arquiteto, o professor, o padre, o delegado.

No meio da brincadeira que os meninos viviam na praça, foi aparecendo magicamente

O prefeito

O banqueiro

O industrial

O economista

O arquiteto

O professor

O padre

O delegado (QUEIRÓS, 1982, p.23)

Como personagem principal do conto tradicional, Cinderela recebeu esse nome por estar sempre suja de cinzas. Em nenhum momento seu nome verdadeiro é mencionado durante a narrativa. Os demais personagens são a madrasta, as duas filhas, o rei, o príncipe, o pai e a mãe de Cinderela e os pombos.

Maria do Céu, ao chegar à cidade encontrou uma realidade totalmente diferente, sentia-se inútil, pois nem mesmo as crianças sentiam vontade de pedir algo, a não ser que fossem coisas materiais que eram arrumadas pelos mágicos. Quando o autor cita a palavra “mágicos”, no conto, se refere àquelas pessoas adultas que deixaram de sonhar, imaginar, de acreditar na fantasia para valorizar apenas coisas concretas, uma das consequências do capitalismo.

Maria, fada na terra, adormeceu pensando em voltar para o azul e ser novamente ideia. Estava certa de que na terra não havia mais lugar para fada especializada em causar alegria. Os mágicos davam tantas tarefas às pessoas que elas não tinham tempo nem para saber que faltava a alegria nascer. (QUEIRÓS, 1982, p. 12)

Como a fada do conto tradicional, onde a fada usa a vara de condão para transformar a abóbora na carruagem para Cinderela ir ao baile do rei, Maria do Céu torna-se a mediadora

dos desejos, das crianças, utilizando uma vara de condão feita de estrela e pedaço de raio de sol, para tornar reais os sonhos das crianças que, de tão adormecidas, viraram esperanças que nunca conseguiam concretizar. Seu objetivo era de proporcionar alegria a todas as pessoas. No entanto, não sabia como conseguir isso, pois as pessoas estavam tão iludidas com as promessas dos mágicos, que não tinham tempo para sentir a alegria.

Diferente do conto tradicional “Cinderela”, Maria do Céu tinha dificuldade de realizar os desejos das crianças. Por isso, ela decidiu voltar para o céu no dia seguinte, a partir do último raio de sol. No entanto, não conseguiu, pois encontrou um menino que lhe pediu um desejo muito fácil de realizar e a fada, muito feliz, realizou seu desejo no mesmo instante.

Mas precisamente neste dia, ela encontrou um amigo. Menino que pediu para ler e escreve sem ir à escola. Coisa muito fácil para fada. Num gesto breve e leve, Maria do Céu tocou a estrela na cabeça do menino. (QUEIRÓS, 1982, p. 12)

No dia seguinte, a fada acordou muito animada por ter realizado seu primeiro desejo. Mas, ao perguntar a outra criança se almejava algum desejo, foi surpreendida com a notícia de que o menino, para o qual ela tinha realizado o desejo de aprender a ler e escrever, sem precisar ir à escola, tinha sido levado para hospital, pois não era considerado normal uma criança, naquela idade, saber de tanta coisa, porque os meninos são obrigados a viver submissos às determinações dos adultos, visto que seus sonhos são avaliados pelo que a sociedade considera ser possível.

Acordou pela manhã, alegre como criança em recreio, e saiu sem rumo rua adiante. E ao primeiro menino ofereceu seus favores.
– Não!– disse o menino. – Quero aprender a ler e escrever na escola. Ontem – continuou ele – um menino aprendeu sozinho e foi levado pelos doutores para tratamento em hospital. Eles disseram que ele sabia mais que devia. Não sei o que farão com ele... Talvez tome injeção de esquecimento. (QUEIRÓS, 1982, p. 14)

A fada ficou a pensar sobre o que viu, ouviu e tomou a seguinte decisão perante aquela situação, de ficar definitivamente na terra, pois não conseguiria mais deixar as crianças terem seus sonhos subordinados ao consumismo sem limites.

Naquela noite o silêncio não deixou Maria dormir. Com o pensamento livre, ela pensou o mundo secretamente. Pensou e viu que só se pode ser fada na terra. Ser ideia no céu não adianta nada. É como ser homem sem corpo na terra.

[...]

Assim, Maria do Céu resolveu morar na terra e se fazer fada definitivamente. (QUEIRÓS, 1982, p.15)

A presença da fada madrinha neste conto está representada pelos pássaros que ajudam a Cinderela na realização de alguns desejos como o de lhe conseguir roupa adequada para ir ao baile, nas três noites seguidas. E a presença da bruxa é simbolizada pela madrasta e suas duas filhas que almejam a infelicidade de Cinderela, tratando-a sempre muito mal sem Cinderela ter feito algo contra elas, apenas pelo simples prazer de serem cruéis.

Para Cinderela, a ida ao baile, possibilitou conhecer o príncipe que se encantou com sua beleza e logo a levou para dançar. Ficaram juntos a noite toda, até Cinderela resolver voltar para casa, mas o príncipe não queria deixá-la ir. Ela estava tão linda na festa que ninguém a reconheceu, pensaram que era uma princesa de um reino distante. O mesmo veio a se repetir, nas ocasiões seguintes.

Contudo, na última noite de festa, estava mais deslumbrante do que nos outros dias, e não revelara ao príncipe quem era realmente, onde morava e nem quem eram seus pais. O príncipe montou uma armadilha a fim de conseguir descobrir seu paradeiro.

Dessa vez, porém, o príncipe usara um stratagema: untou com piche um degrau da escada e, quando a moça passou, o sapato do pé esquerdo ficou grudado. Ela deixou-o ali e continuou correndo. O príncipe pegou o sapatinho: era pequenino, gracioso e todo de ouro. (GRIMM, 2000, p.83)

Nas duas narrativas existe o momento da revelação. No texto moderno Maria do Céu reuniu os meninos e fala que é fada, podendo tornar real qualquer um de seus desejos.

Desceu para a praça, lugar onde o povo parava para pensar a esperança, reuniu em roda os meninos e disse:

– Sou fada. Vivi antigamente na terra, fazendo virar verdade sonhos e desejos de meninos. Teci cobertor com canto de canarinho, para menino dormir e sonhar com floresta.

[...]

Um dia, saí da terra para um repouso. Agora voltei e posso atender a qualquer pedido. Peçam. (QUEIRÓS, 1982, p.16 e 17)

No texto tradicional, o príncipe saiu à procura de Cinderela, pois estava decidido que só se casaria com a dona do pé que coubesse naquele sapato. Ao chegar à casa de Cinderela, encontrou as duas filhas da madrasta que, ao provarem o sapato, cometem loucuras

aconselhadas pela própria mãe. A mais velha das irmãs cortou o dedo polegar do pé, para que coubesse no sapatinho:

Então, a mãe deu-lhe uma faca, dizendo:

– Corte fora o dedo. Quando for rainha, vai andar muito pouco a pé.

Assim fez a moça. O pé entrou no sapato e, disfarçando a dor, ela foi ao encontro do príncipe. (GRIMM, 2000, p.83)

O príncipe não percebeu nada e a levou consigo, no seu cavalo, como sua noiva, mas, ao passar pelo túmulo da mãe de Cinderela, foi advertido por duas pombinhas.

Quando passavam pelo túmulo da mãe de Cinderela, que ficava bem no caminho, duas pombas pousaram na aveleira e cantaram:

– Olhe para trás! Olhe para trás!

Há sangue no sapato,

Que é pequeno demais!

Não é a noiva certa

que vai sentada atrás! (GRIMM, 2000, p.83)

Assim, o príncipe virou-se para olhar o que os pombinhos que falavam. Nesse momento, quando viu sangue escorrendo no pé da jovem, percebeu o erro cometido e voltou para devolver a moça e aproveitando para ver se sua irmã seria a noiva que ele procurava. Mas, o pé da outra irmã também não coube e ela, aconselhada pela mãe, cometeu a loucura de cortar um pedaço do seu calcanhar.

Os dedos do pé entraram facilmente, mas o calcanhar era grande demais e ficou de fora. Então a mãe deu-lhe uma faca dizendo:

– corte fora um pedaço do calcanhar. Quando você for rainha, vai andar muito pouco a pé.

Assim fez a moça. O pé entrou no sapato e, disfarçando a dor, ela foi ao encontro do príncipe. (GRIMM, 2000, p.83 e 84)

E novamente o príncipe foi advertido pelos pombos com os mesmos dizeres utilizados para desmascarar sua irmã. E retomando à casa da jovem, afirmou que aquela também não era a verdadeira noiva e perguntou ao pai de Cinderela se não havia outra jovem. “– *Não – respondeu o pai –, a não ser a pequena Cinderela, filha de minha falecida esposa. Mas é impossível que seja ela a noiva que procura*”. (GRIMM, 2000, p.84). Ao terminar de falar o príncipe ordenou ao pai que a trouxesse para provar o sapato. O príncipe, ao reconhecer Cinderela, ficou muito feliz e a levou consigo, deixando a madrasta e suas filhas revoltadas.

Quando passaram pela aveleira, as duas pombinhas brancas cantaram:

– Olhe para trás! Olhe para trás!

Não há sangue no sapato,
 Que serviu bem demais!
 Essa é a noiva certa.
 Pode ir em paz! (GRIMM, 2000, p.84)

O jogo de valores presente no conto moderno se manifesta claramente. Fica evidente quando a fada oferece aos amigos insistindo que peçam algo e

De repente, um gritou:
 – Quanto custa?
 – Nada – respondeu a fada.
 – De graça? – perguntou outro.
 – Sim – falou a fada. – Eu trabalho pelo prazer de trabalhar. Enquanto trabalho vocês ficam contentes, vou aumentando minha alegria. Alegria ninguém rouba. (QUEIRÓS, 1982, p.18)

No texto moderno, em se tratando de uma sociedade capitalista, fica claro o quanto as crianças estavam ligadas ao consumismo, visto que ninguém daria nada a outra pessoa de graça e, sim, venderia até seus dons, sendo efetuado o pagamento em dinheiro. Mas a fada falou que ganharia muito mais com as crianças felizes que com o dinheiro.

Durante a conversa que Maria do Céu ia tendo com as crianças que se divertiam na praça, foi percebendo quantos sonhos existiam adormecidos nos seus olhares e decidiu proporcionar, aos poucos, a transformação dos sonhos de esperanças colocados pelos mágicos nos seus corações de forma concreta e real.

Os meninos estavam gostando da fada, mas não sabiam o que pedir. Estavam tão acostumados a ter só esperança que a idéia de ter uma coisa de verdade fazia o coração ficar aflito. [...] Enquanto falava, a fada lia paisagens nos olhos dos meninos. (QUEIRÓS, 1982, p. 18 e 19)

Mas criança nenhuma pedia algo, até que surgiu uma voz de menina que dizia com medo,

– Eu quero uma cama para dormir.
 Sem cama não posso pedir sonhos.
 Os meninos calaram...
 A fada, assustada, olhou no coração da criança e viu a esperança balançando.
 Com um gesto justo, fez surgir, no centro da praça, uma cama de madeira, com colchão de algodão colorido.
 – É sua – disse a fada à menina.
 A menina olhando de longe e com medo daquela verdade, respondeu:
 – Não quero mais não tenho casa para guardar a cama.
 A fada, sem vacilar, continuou seu gesto, fazendo nascer, no centro da praça, uma casa, com janelas abertas para o mundo...

E dentro da casa a cama. (QUEIRÓS, 1982, p. 20 e 21)

Tamanha era a alegria dos pequenos que começaram a dançar ao lado da casa, subiram no telhado e brincaram de várias maneiras. Pois, tinham visto os sonhos virarem realidade e não só esperança como estavam acostumados.

Enquanto no conto tradicional a figura da bruxa está representada pela madrasta e suas filhas más, no texto moderno, a representação da bruxa está centrada na figura dos mágicos, das autoridades que representam a sociedade moderna indagando sobre como uma casa poderia ter sido construída no meio de uma praça sem ninguém ter autorizado, em tão pouco tempo, sem pegar dinheiro emprestado no banco, sem pedir a planta para construir a casa etc.

Sem reparar na alegria dos meninos, o prefeito discursou:

– Senhores, a praça foi feita para o povo pensar a esperança. Não posso deixar esta casa plantada no meio dela. Como representante do povo, mandarei destruí-la. (QUEIRÓS, 1982, p.23)

Vítima do sistema, a fada Maria do Céu foi presa e, ao ver a tristeza na cara das crianças, confia-lhes um segredo, com uma troca de olhares, no pensamento de cada criança presente na praça. O fato trouxe de volta o sorriso a brilhar, não só no rosto, como no corpo inteiro de cada um. Depois Maria conseguiu fugir da prisão:

Maria ideia condenada, usou, naquela noite, seus poderes de fada. Virou vaga-lume. Passou pelas grades e voou sobre a cidade. Visitou cada menino e entrou no sonho deles. Viu que sonhavam com cidades onde as fadas moravam sem causar medo e a esperança não durava mais que um dia.

O sonho dos meninos alegrou o vaga-lume, que partiu para outra parte do mundo.

Se exilou em outro país. (QUEIRÓS, 1982, p. 28)

E assim termina a história sem sabermos qual o segredo confiado aos meninos, sem termos notícia de onde ela se encontra, se um dia voltará. As respostas, só uma criança poderá responder.

Quando algum adulto, impaciente com o desaparecimento da Fada. Perguntam a um menino qual é o segredo que a fada contou, ele responde:

– AMANHÃ EU FAÇO. (QUEIRÓS, 1982, p.30)

No conto tradicional, o final feliz acontece: Cinderela e o príncipe se casam, e, como castigo para as malvadas da história, as filhas da madrasta além de terem seus pés faltando um pedaço, ficam cegas para sempre.

Subitamente, sem que ninguém pudesse impedir, a pomba pousada no ombro direito da noiva voou para cima da irmã mais velha e furou-lhe os olhos. A pomba do ombro esquerdo fez o mesmo com a mais nova, e ambas ficaram cegas para o resto da vida. (GRIMM, 2000, p.84)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sonhos presentes na narrativa nos levam a observar a partir da leitura a simbólica riqueza proporcionada ao mundo maravilhoso da infância. Vale ressaltar, também, que as crianças de hoje são levadas pela sociedade ao consumismo exacerbado que transforma valores atribuídos pelos próprios adultos. Assim, é com certeza, um desafio despertar o interesse das crianças pelas narrativas, visto que existem vários atrativos que desviam sua atenção do verdadeiro sentido do mundo infantil, que é o encantamento e a simplicidade. No entanto, entende-se que é possível ultrapassar essas barreiras que desviam a atenção da criança do mundo da fantasia.

Na narrativa *Onde tem bruxa, tem fada...*, Bartolomeu Campos de Queirós também evidencia que a criança deve ter o direito de se expressar perante suas necessidades, como realizar seus desejos, visando a um mundo melhor. Deste modo, a nossa posição como adultos e profissionais na área da educação é expor para a criança que se pode realizar tudo o que se almeja, basta confiar e lutar por isso.

Logo, a personagem principal, Maria do Céu, a fada que almeja realizar desejos, não encontrou oportunidade, pois nem mesmo as crianças, por viverem num mundo tão moderno, ligado ao consumismo, não conseguiam ver além das aparências. Decepcionada, ela percebeu que o capitalismo tomou conta da vida das pessoas de forma a não existir mais espaço, em suas vidas, para a imaginação, a fantasia e o desejo.

No texto moderno, a visão que se tem no mundo de hoje, em que não damos atenção às pessoas, não olhamos ao nosso redor para saber e poder ajudar a quem está precisando de um abraço, de uma companhia, de um prato de comida, de solidariedade, em que as pessoas estão apenas preocupadas com o que acontece de forma superficial, preocupadas, principalmente, com seus bens materiais.

A narrativa do conto moderno pode levar a criança ao mundo imaginário cheio de fantasias. E por ser moderno, relata a questão do capitalismo, do consumismo, aspectos tão presentes na sociedade moderna, que deixam as pessoas deslumbradas pelos bens materiais, esquecendo os valores reais da vida como, ter família, amigos, ser feliz, ter liberdade, poder sonhar, ser honesto, respeitar o próximo como a si mesmo entre outros aspectos. É uma narrativa que leva o leitor a análise do que acontece ao nosso redor, enxergando além do que está à sua frente, questionando as atitudes de muitos que se dizem preocupados com o bem estar da população.

A representação da fada como ser que pode transformar os sonhos com varinha de condão em realidade é mantida na narrativa moderna, apesar de ser caracterizada de forma mais atual, pois a fada não utiliza sua varinha para vestir nenhuma princesa para ir ao baile, ao encontro amoroso, mas sim, para alegrar a vida das pessoas, mostrando que se não é possível se tornar real pode virar sonho. Já a bruxa, foi substituída pelos mágicos, seres que não permitiam mais que as pessoas pudessem sonhar, despertando, apenas, em seus corações a esperança e quando uma esperança ia morrendo eles criavam uma outra e assim não tinham fim.

O bem vence ao mal, essa é uma característica do conto tradicional, mantida também no conto moderno, onde o bem se torna mais onipresente, diferente do conto tradicional. Por exemplo, apesar de terem destruído a casa que Maria do Céu tinha criado para os meninos e, por isso foi presa, ela conseguiu deixar uma mensagem em forma de segredo que os deixa felizes novamente. O segredo não revelado deixa as crianças felizes, como no conto tradicional, que tem um final feliz, apesar da personagem, Cinderela, ter sido vítima da maldade da madrasta e suas filhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil-Gosturas e Bobices. 2 Ed. Scipione-São Paulo, 1994, p.17.

CANTON, Kátia. E o príncipe dançou. O conto de fadas, da tradição oral à dança contemporânea. São Paulo: Ática, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas. São Paulo: Ática, 1998 (série princípios).

_____. Literatura: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GRIMM, irmãos. Cinderela. *In*: ARATANGY, Claudia Rosenberg. Ler e escrever: livro de textos do aluno. 3 Ed. São Paulo: FDE, 2010.

MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. Onde tem bruxa tem FADA... . 2 Ed. São Paulo: ,Moderna, 1982.

ANEXO



Ler e ESCREVER

Livro de Textos do Aluno

Governo do Estado de São Paulo

Governador
José Serra

Vice-Governador
Alberto Goldman

Secretário da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário-Adjunto
Guilherme Bueno de Camargo

Chefe de Gabinete
Fernando Padua

Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas
Valéria de Souza

Coordenador de Ensino da Região Metropolitana
da Grande São Paulo
José Benedito de Oliveira

Coordenador de Ensino do Interior
Rubens Antônio Mandetta de Souza

Presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Fábio Bonini Simões de Lima

Diretora de Projetos Especiais da FDE
Claudia Rosenberg Aratangy

Coordenadora do Programa Ler e Escrever
Iara Gloria Areias Prado

Esta obra é uma adaptação de "Alfabetização: livro do aluno", volumes I a III, publicada pela Fundescola/Secretaria de Ensino Fundamental/MEC em 2000 para o Projeto Nordeste.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239L São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.
Ler e escrever: livro de textos do aluno / Secretaria da Educação,
Fundação para o Desenvolvimento da Educação; seleção dos textos,
Claudia Rosenberg Aratangy. 3. ed. São Paulo : FDE, 2010.
192 p. : il.

Adaptação de "Alfabetização: livro do aluno", volumes I a III, publicado
pela Fundescola/Secretaria de Ensino Fundamental/MEC em 2000 para o
Projeto Nordeste.
Documento em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

1. Literatura infantil 2. Ensino fundamental 3. Leitura 4. Atividade
pedagógica 5. Programa Ler e Escrever 6. São Paulo I. Título. II. Fundação
para o Desenvolvimento da Educação. III. Aratangy, Claudia Rosenberg.

CDU: 82-93

CINDERELA

Irmãos Grimm

Há muito tempo, aconteceu que a esposa de um rico comerciante adoeceu gravemente e, sentindo seu fim se aproximar, chamou sua única filha e disse:

— Querida filha, continue piedosa e boa menina que Deus a protegerá sempre. Lá do céu olharei por você, e estarei sempre a seu lado. — Mal acabou de dizer isso, fechou os olhos e morreu.

A jovem ia todos os dias visitar o túmulo da mãe, sempre chorando muito.

Veio o inverno, e a neve cobriu o túmulo com seu alvo manto. Chegou a primavera, e o sol derreteu a neve. Foi então que seu pai resolveu se casar outra vez.

A nova esposa trouxe suas duas filhas, ambas louras e bonitas — mas só exteriormente. As duas tinham a alma feia e cruel.

A partir desse momento, dias difíceis começaram para a pobre enteada.

— Essa imbecil não vai ficar no quarto conosco! — reclamaram as moças. — O lugar dela é na cozinha! Se quiser comer pão, que trabalhe!

Tiraram-lhe o vestido bonito que ela usava obrigaram-na a vestir outro, velho e desbotado, e a calçar tamancos.

— Vejam só como está toda enfeitada a orgulhosa princesinha de antes! — disseram a rir, levando-a para a cozinha.

A partir de então, ela foi obrigada a trabalhar, da manhã à noite, nos serviços mais pesados. Era obrigada a se levantar de madrugada, para ir buscar água e acender o fogo. Só ela cozinhava e lavava para todos.

Como se tudo isso não bastasse, as irmãs caçoavam dela e a humilhavam. Espalhavam lentilhas e feijões nas cinzas do fogão e obrigavam-na a catar um a um.

À noite, exausta de tanto trabalhar, a jovem não tinha onde dormir e era obrigada a se deitar nas cinzas do fogão. E, como andasse sempre suja e cheia de cinza, só a chamavam de Cinderela.

Uma vez, o pai resolveu ir a uma feira. Antes de sair, perguntou às enteadas o que desejavam que ele trouxesse.

— Vestidos bonitos — disse uma.

— Pérolas e pedras preciosas — disse a outra.

— E você, Cinderela, o que vai querer? — perguntou o pai.

— No caminho de volta, pai, quebre o primeiro ramo que bater no seu chapéu e traga-o para mim.





Ele partiu para a feira, comprou vestidos bonitos para uma das enteadas, pérolas e pedras preciosas para a outra e, de volta para casa, quando cavalgava por um bosque, um ramo de aveleira bateu no seu chapéu. Ele quebrou o ramo e levou-o. Chegando em casa, deu às enteadas o que haviam pedido e à Cinderela o ramo de aveleira.

Ela agradeceu, levou o ramo para o túmulo da mãe, plantou-o ali, e chorou tanto que suas lágrimas regaram o ramo. Ele cresceu e se tornou uma aveleira linda. Três vezes, todos os dias, a menina ia chorar e rezar embaixo dela.

Sempre que a via chegar, um passarinho branco voava para a árvore e, se a ouvia pedir baixinho alguma coisa, jogava-lhe o que ela havia pedido.

Um dia, o rei mandou anunciar uma festa, que duraria três dias. Todas as jovens bonitas do reino seriam convidadas, pois o filho dele queria escolher entre elas aquela que seria sua esposa.

Quando souberam que também deveriam comparecer, as duas filhas da madrasta ficaram contentíssimas.

— Cinderela! — gritaram. — Venha pentear nosso cabelo, escovar nossos sapatos e nos ajudar a vestir, pois vamos a uma festa no castelo do rei!

Cinderela obedeceu chorando, porque ela também queria ir ao baile. Perguntou à madrasta se poderia ir, e esta respondeu:

— Você, Cinderela! Suja e cheia de pó, está querendo ir à festa? Como vai dançar, se não tem roupa nem sapatos?

Mas Cinderela insistiu tanto que, afinal, ela disse:

— Está bem. Eu despejei nas cinzas do fogão um tacho cheio de lentilhas. Se você conseguir catá-las todas em duas horas, poderá ir.

A jovem saiu pela porta dos fundos, correu para o quintal e chamou:

— *Mansas pombinhas e rolinhas!*

Passarinhos do céu inteiro!

Venham me ajudar a catar lentilhas!

As boas vão para o tacho!

As ruins para o seu papo!

Logo entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas; a seguir, vieram as rolinhas e, por último, todos os passarinhos do céu chegaram numa revoada e pousaram nas cinzas.

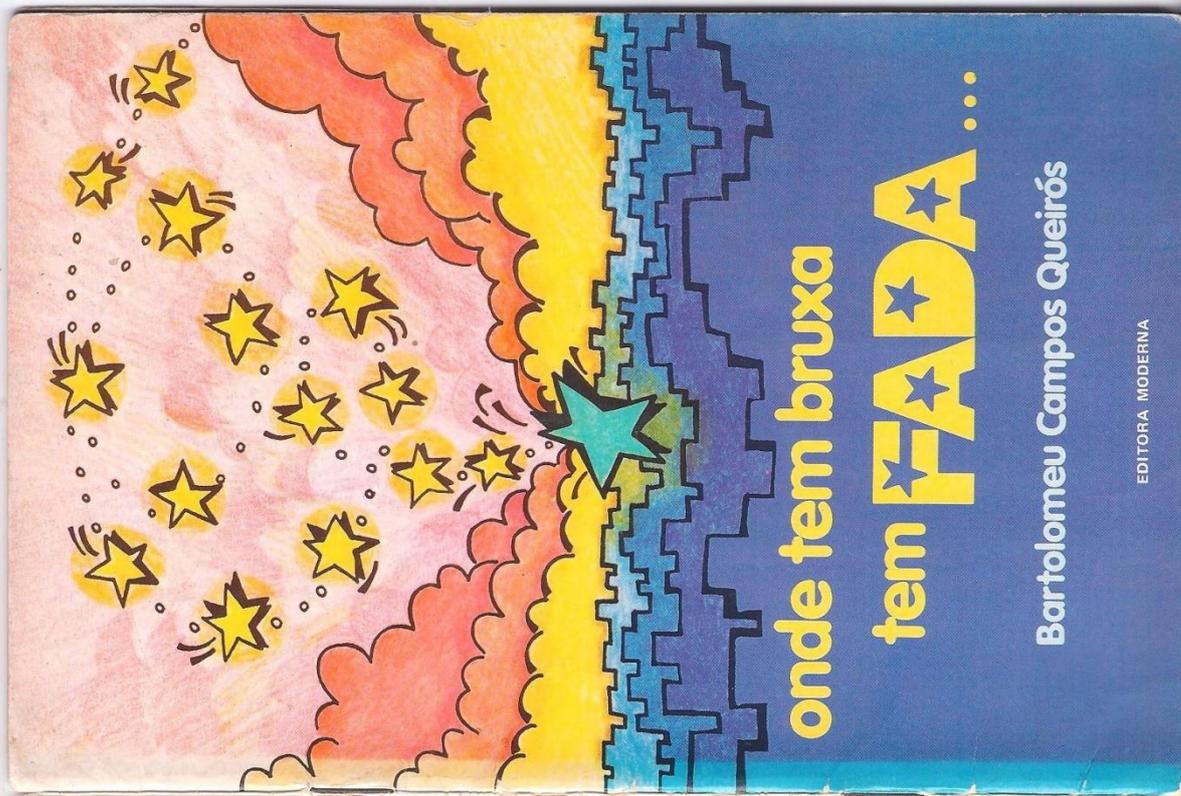
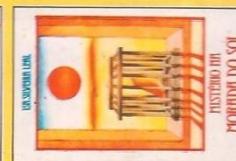
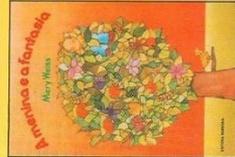
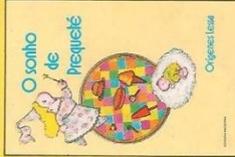
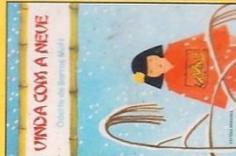
As pombas abaixavam a cabecinha e — pic, pic, pic — apanhavam os grãos bons e deixavam cair no tacho. As outras avezinhas faziam o mesmo. Não levou nem uma hora, o tacho ficou cheio e as aves todas voaram para fora.

Cheia de alegria, a menina pegou o tacho e levou para a madrasta, certa de que agora poderia ir à festa. Porém a madrasta disse:

— Não, Cinderela. Você não tem roupa e não sabe dançar. Só serviria de caçoada para os outros.

Como a menina começasse a chorar, ela propôs:

Livros que transformam a leitura em momentos de prazer. Histórias de aventura, humor e suspense, escritas em linguagem simples e acessível.



onde tem bruxa
tem **FADA**...

Bartolomeu Campos Queirós

EDITORA MODERNA

Bartolomeu Campos Queirós

onde tem bruxa
tem **FADA**...

Prêmio "O melhor para a criança" — 1979
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

2ª edição

 EDITORA
MODERNA

Edição de texto
Maristela Petri de Almeida Leite

Revisão
Roberto Wilson Torres de Meneses
Sueley Fátima de Campos Faria

Artes
Antenor Lago
Edilson Felix Monteiro
Oséias Dias Sanches

Diagramação: Maria Cristina Simi Carletti
capa e ilustrações: Paulo von Poser

Composição
Lincoart

Fotolitos
HOP e Bosatelli

Impressão
Milesi

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Q410
2.ed.

Queirós, Bartolomeu Campos, 1940—
Onde tem bruxa tem fada... / Bartolomeu Campos
Queirós. — 2. ed. — São Paulo : Ed. Moderna,
1982.

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

82-0819

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Todos os direitos reservados
EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Afonso Brás, 431
Tel.: 531-5099
CEP 04511 - São Paulo - SP - Brasil

1982

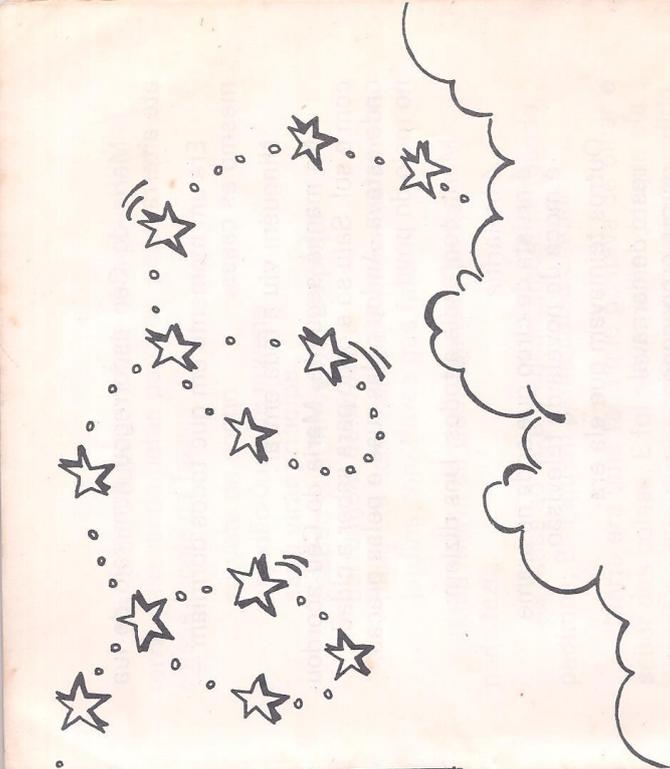
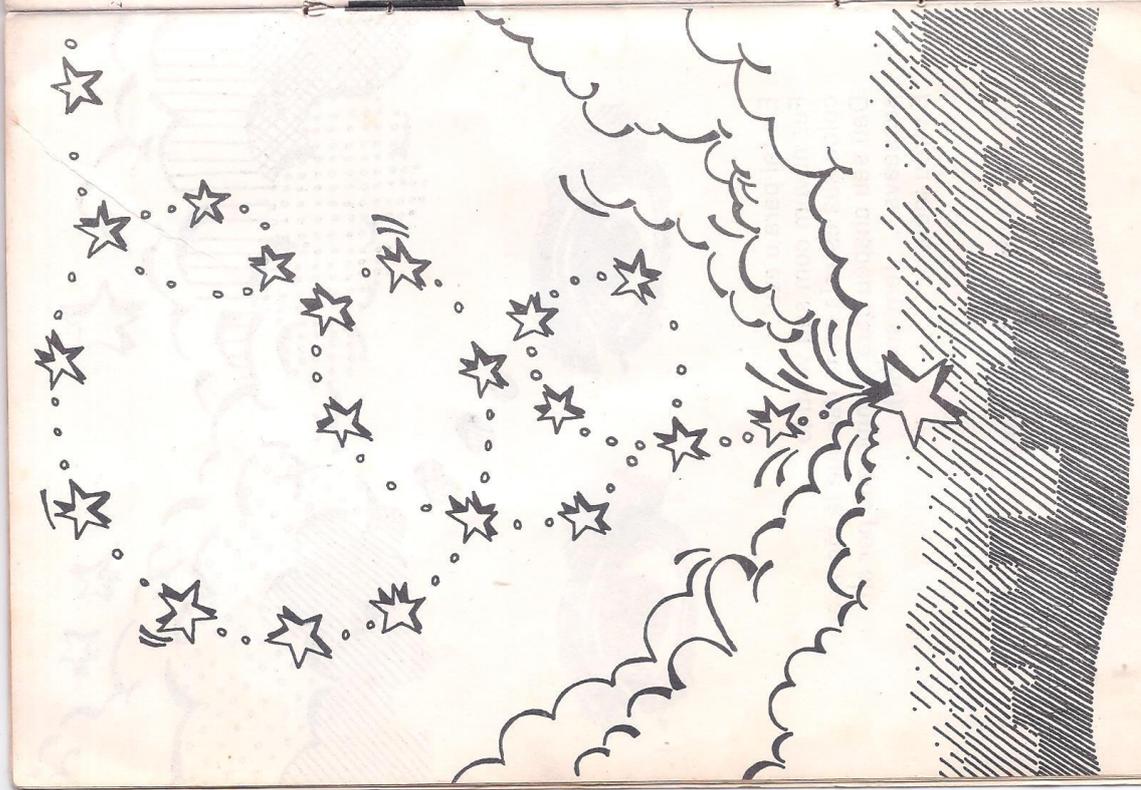
Impresso no Brasil

Para a Cecília Conde



Ela foi para o azul.
Fez nuvem com seu vestido,
colou sua estrela perto das que lá moravam.
Deu seu chapéu para menino que por ali
passeava... (em sonho)
E virou idéia.

Isto faz muitos anos...



Um dia, Maria do Céu cansou de ser idéia.
Fez um vestido de nuvem.
Pedi emprestados os sapatos de um anjo.
Arrancou sua estrela e colou na ponta de
pedaço de raio de sol.
Com retalhos de papel de seda, resto de
papagaio solto de linha, construiu um chapéu...
E Maria, idéia no céu, virou fada.

Isto faz poucos dias...

Maria do Céu escorregou num raio de lua até a terra.

Era um momento em que todos dormiam — mesmo as casas.

Ninguém viu a fada entrar.

Na manhã seguinte, Maria do Céu acordou com o sol. Saiu só e cedo para saber a cidade onde estava. Andou pelas ruas e pelas praças, no meio do povo.

Maria confundia a todos. Uns diziam:

é bailarina

é artista de circo que anda no arame
é moça de novela de televisão.

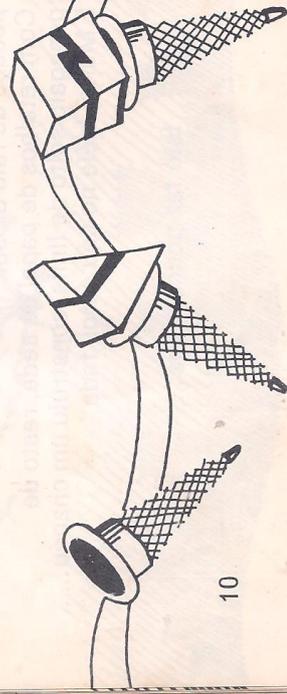
Outros teimavam que ela era

resto de carnaval

garota-propaganda

cigana que tira sorte.

— O mundo mudou — pensou Maria, idéia vinda do céu. — Nem mais os meninos conhecem as fadas e seus poderes.



10

Maria do Céu, agora fada sem trabalho na terra, passeando pelos parques, pensava em coisas fáceis de fazer:

sorvete de sonho

algodão-doce de nuvens

sapo virar príncipe

vestido com finos fios de prata

carruagem de abóbora

bicicleta com asas para passeios aéreos

jardins com flores que falam.

Mas Maria do Céu, que tudo podia, nada fazia.

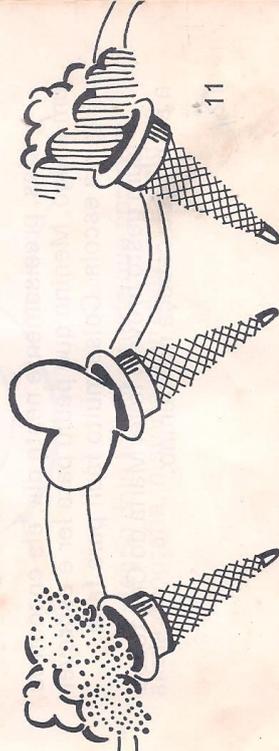
As fadas só fazem encantamentos quando pedimos. E ninguém pedia coisa alguma...

Maria era uma fada que gostava de olhar e saber das coisas. E foi assim, olhando, que ela descobriu que outros mágicos tinham invadido a terra e faziam coisas incríveis:

bicicletas com gosto de cavalos

chicletes com lembrança da infância

bolos com sabor de vitória.



11

Eles diziam onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro. Então o dinheiro crescia, crescia, crescia e ficava tão grande que as pessoas podiam comprar tudo: — casa, televisão, roupa, carro, viagem — sem entrada e sem mais nada”.

A fada do céu sentiu que não tinha tamanhos poderes. Seus encantamentos só eram coisas de alegrar coração...

Maria, fada na terra, adormeceu pensando em voltar para o azul e ser novamente idéia. Estava certa de que na terra não havia mais lugar para fada especializada em causar alegria. Os mágicos davam tantas tarefas às pessoas que elas não tinham tempo nem para saber que faltava tempo para a alegria nascer.



Maria do Céu amanheceu pronta para partir no último raio de sol, ao entardecer.

Mas, precisamente neste dia, ela encontrou um amigo. Menino que pediu para ler e escrever sem ir à escola. Coisa muito fácil para fada.

Num gesto breve e leve, Maria do Céu tocou a estrela na cabeça do menino.



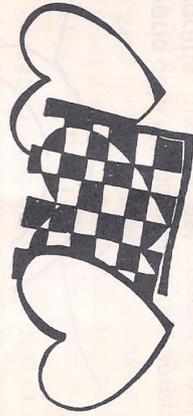
A alegria dele foi tão grande que aprendeu ainda geografia, história, astronomia e política.



Maria do Céu não partiu no pôr-da-noite.
— Ficarei mais um dia, — pensou ela —
para usar mais a vara de condão.

Acordou pela manhã, alegre como criança
em recreio, e saiu sem rumo rua adiante.
E ao primeiro menino ofereceu seus favores.

— Não — disse o menino. — Quero
aprender a ler e escrever na escola. Ontem —
continuou ele — um menino aprendeu
sozinho e foi levado pelos doutores para
tratamento em hospital. Eles disseram que ele
sabia mais que devia. Não sei o que
farão com ele... Talvez tome injeção
de esquecimento.



O coração da fada disparou e só à noite ela
conseguiu ter esta idéia:

— Menino só pode saber das coisas que
foram testadas pelos adultos. No mundo não se
pode aprender nada com o coração.

Maria não gostou de seu pensamento.
Ela sabia que todos podemos saber muitas
coisas só olhando o mundo. E menino aprende
muito mais. Menino tem olhos novos e coração
descansado.

Naquela noite, o silêncio não deixou Maria
dormir. Com o pensamento livre, ela pensou
o mundo secretamente. Pensou e viu que só se
pode ser fada na terra. Ser idéia no céu não
adianta nada. É como ser homem sem corpo
na terra.

O silêncio de Maria pensou ainda sobre os
mágicos que moravam na terra. Eles só
faziam mágicas convenientes para eles. E, para
facilitar o trabalho, eles enchiam o coração
dos meninos de esperança. Quando uma
esperança começava a morrer, eles fabricavam
uma nova.

A esperança passou a ser uma certa
doçura que sossegava os meninos.

Assim, Maria do Céu resolveu morar na
terra e se fazer fada definitivamente.

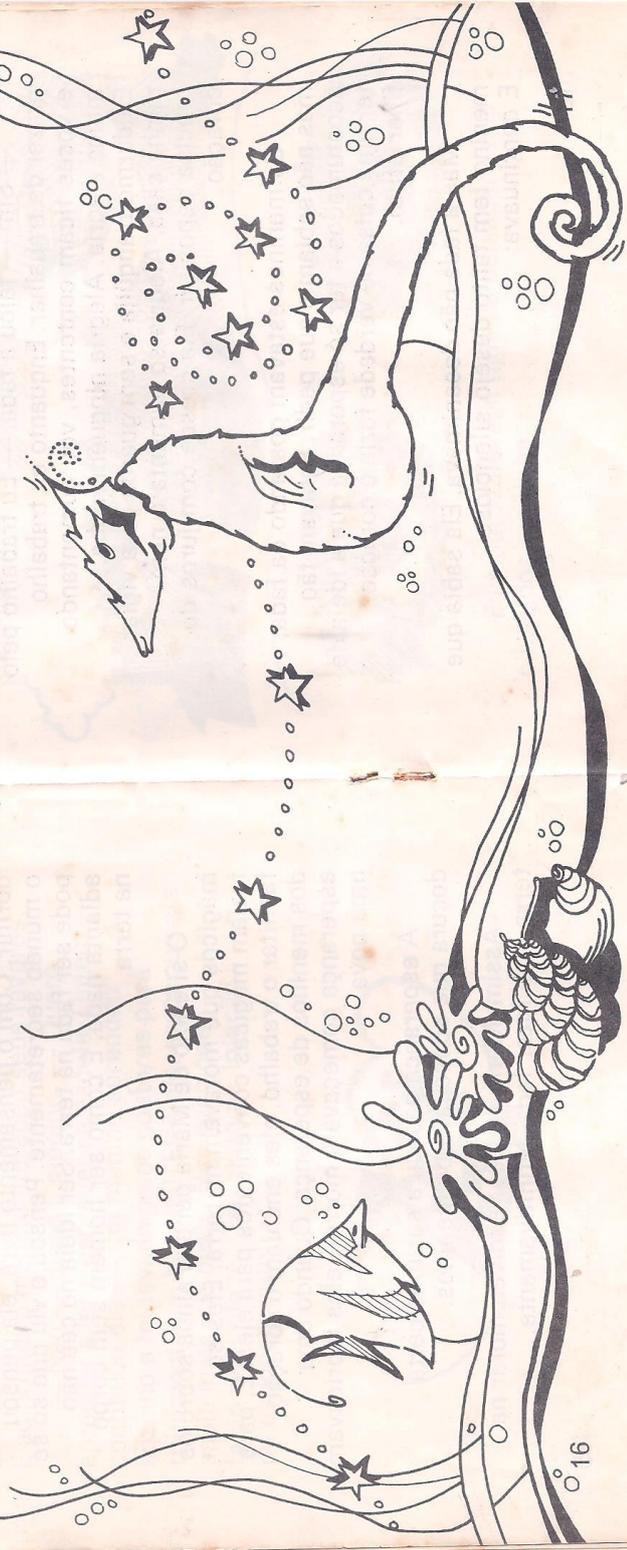
Maria, sabendo das manhas dos mágicos, tinha no rosto um riso quase de raiva.

Desceu para a praia, lugar onde o povo parava para pensar a esperança, reuniu em roda os meninos e disse:

— Sou fada. Vivi antigamente na terra, fazendo virar verdade sonhos e desejos de meninos. Teci cobertor com canto de canarinho, para menino dormir e sonhar com floresta. Construí cidade de doce. Eram ruas de chocolate e casas de amor-aos-pedaços.

Dos chuveiros caíam fios-de-ovos ou eram cheias de mel as piscinas. Viajei com amigos para o fundo do mar, escutando canto de sereias ou montando em cavalo-marinho. Dei poderes aos sapateiros para costurarem botas de sete léguas, para os meninos viajarem o mundo. Casei princesas e príncipes em casa de anões ou em palácios reais.

Um dia, saí da terra para um repouso. Agora voltei e posso atender a qualquer pedido. Peçam.



Mas menino algum abriu a boca.

Eles estavam misturados — assustados e encantados com os poderes da fada.

De repente, um gritou:

— Quanto custa?

— Nada — respondeu a fada.

— De graça? — perguntou outro.

— Sim — falou a fada. — Eu trabalho pelo prazer de trabalhar. Enquanto eu trabalho e vocês ficam contentes, vou aumentando minha alegria. Alegria ninguém rouba. Eu durmo tranqüila e sem guarda para vigiar minha casa. Alegria só aumenta e nem precisa depositar. Ela cresce com juro do coração.

Os meninos estavam gostando da fada, mas não sabiam o que pedir. Estavam tão acostumados a ter só esperança que a idéia de ter uma coisa de verdade fazia o coração ficar aflito.

Mas a fada não desanimava. Ela sabia que menino tem tanto desejo silencioso... E continuava:

— Peçam viagens ao centro das sementes para ver a árvore antes de nascer.

Peçam ruas cobertas de música para o caminho ser canção. Ou, quem sabe, livros com folhas brancas para os olhos inventarem as estórias... Peçam passarinho ensinado que dorme na palma da mão... Peçam luz de luar com gosto de suspiro para que se tenha sonho doce...



Enquanto falava, a fada lia paisagens nos olhos dos meninos.

De repente, uma voz de menina murmurou com medo:

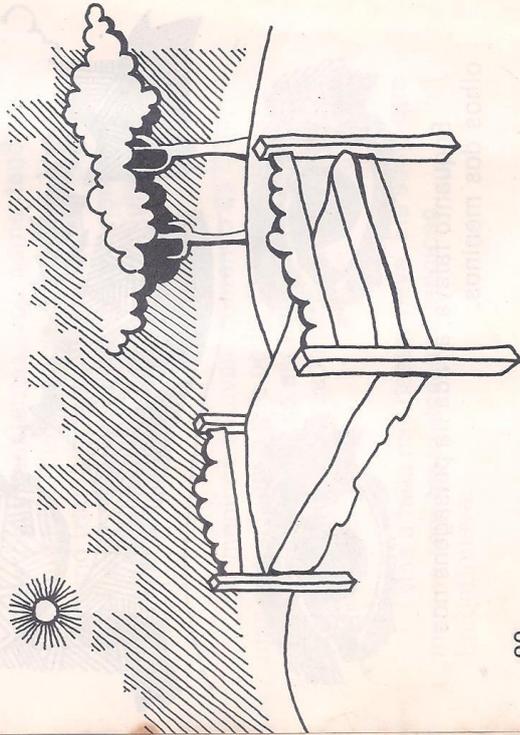
— Eu quero uma cama para dormir. Sem cama não posso pedir sonhos.

Os meninos calaram . . .

A fada, assustada, olhou no coração da menina e viu a esperança balançando.

Com gesto justo, fez surgir, no centro da praça, uma cama de madeira, com colchão de algodão colorido.

— É sua — disse a fada à menina.

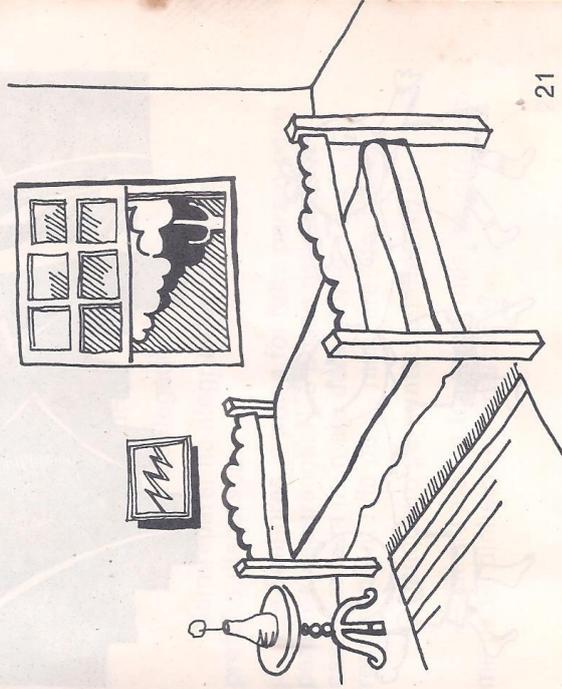


20

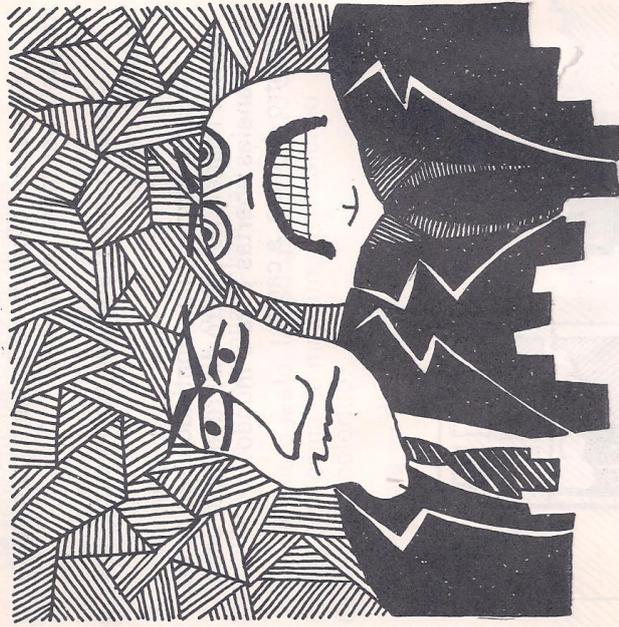
A menina, olhando de longe e com medo daquela verdade, respondeu:

— Não quero mais. Não tenho casa para guardar a cama.

A fada, sem vacilar, continuou seu gesto, fazendo nascer, no centro da praça, uma casa, com janelas abertas para o mundo . . . E dentro da casa, a cama.



21



A alegria engoliu os meninos, que dançavam roda em volta da casa, olhavam pelas janelas, rolavam na cama, subiam no telhado e inventavam brinquedos.

— É uma maneira de menino organizar o coração — pensou a fada.

No meio da brincadeira que os meninos viviam na praça, foi aparecendo magicamente o prefeito

o banqueiro

o industrial

o economista

o arquiteto

o professor

o padre

o delegado.

Sem reparar na alegria dos meninos, o prefeito discursou:

— Senhores, a praça foi feita para o povo pensar a esperança. Não posso deixar esta casa plantada no meio dela. Como representante do povo, mandarei destruí-la.

O banqueiro perguntou ao industrial:

— Como a casa foi construída, se ninguém me pediu dinheiro emprestado?



O industrial respondeu:

— Seu material de construção não foi comprado na minha indústria. É contrabando.

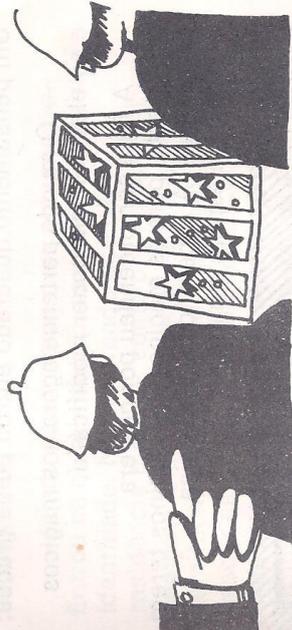
O economista disse:

— Não fui consultado sobre os preços da construção.

O arquiteto contou que não havia feito o projeto e o professor acusou a falta de cultura do povo.

O padre apenas rezou:

— Santo Deus.



Mas o delegado, que tudo ouviu, apenas falou aos soldados:

— Prendam imediatamente a pessoa que desobedeceu à lei.

A ordem do delegado fez a tristeza visitar a cara dos meninos. Então Maria, fada presa na terra, falou com os olhos um segredo no pensamento de cada um deles.

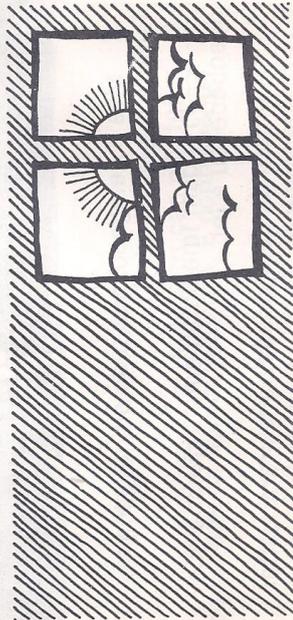
Eles entenderam tão bem que o sorriso tomou conta do corpo inteiro deles. E a fada olhou para todos, na praça, de maneira tão desarmada que desarmou até os guardas.

Ela partiu rumo rua acima, carregando um coração muito livre mais um guarda de cada lado.

✓ Maria, colocada num quarto com janela quadriculada, passou em revista o mundo. Um pensamento quadrado entrou pelas grades:

— O mundo pertence agora aos mágicos e só eles pensam poder modificá-lo.

A fada compreendeu por que era importante, para os mágicos, os meninos terem esperanças. A esperança é uma coisa que sempre espera e nada faz. /



✓ Enquanto Maria pensava, os meninos dormiam e sonhavam verdades que só eles e as fadas podem sonhar. Nem o barulho das máquinas que derrubavam a casa da praça incomodava o sono.

✓ Na manhã do outro dia, os meninos acordaram mais donos do segredo. Sairam cedo para seus deveres e evitaram passar pela praça. Não queriam mais pensar a esperança. /

✓ Maria foi levada para a sala do delegado. Assentou-se diante dele e ouviu a seguinte fala:

— Fada não é nome sobrenome. Entrou na cidade sem passaporte e carteira de identidade. Não tem endereço de residência e diz ter como profissão realizar desejos. Ensinou menino a ler e escrever sem técnica de professor. Fez muita fantasia nascer na cabeça dos meninos. Construiu casa sem empréstimo e sem projeto em lugar proibido. Falou mal da esperança. Contou segredo no coração dos meninos. Ainda sorriu no momento da prisão. Por tudo, você é culpada e permanecerá presa até que se prove o contrário.

Maria não entendeu nada. Era a primeira vez que escutava um adulto. Apenas pensou:

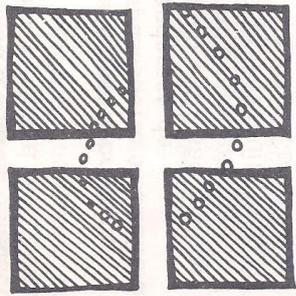
— São mágicos e falam outra língua... /



Ass: _____



MARIA DO CÉU

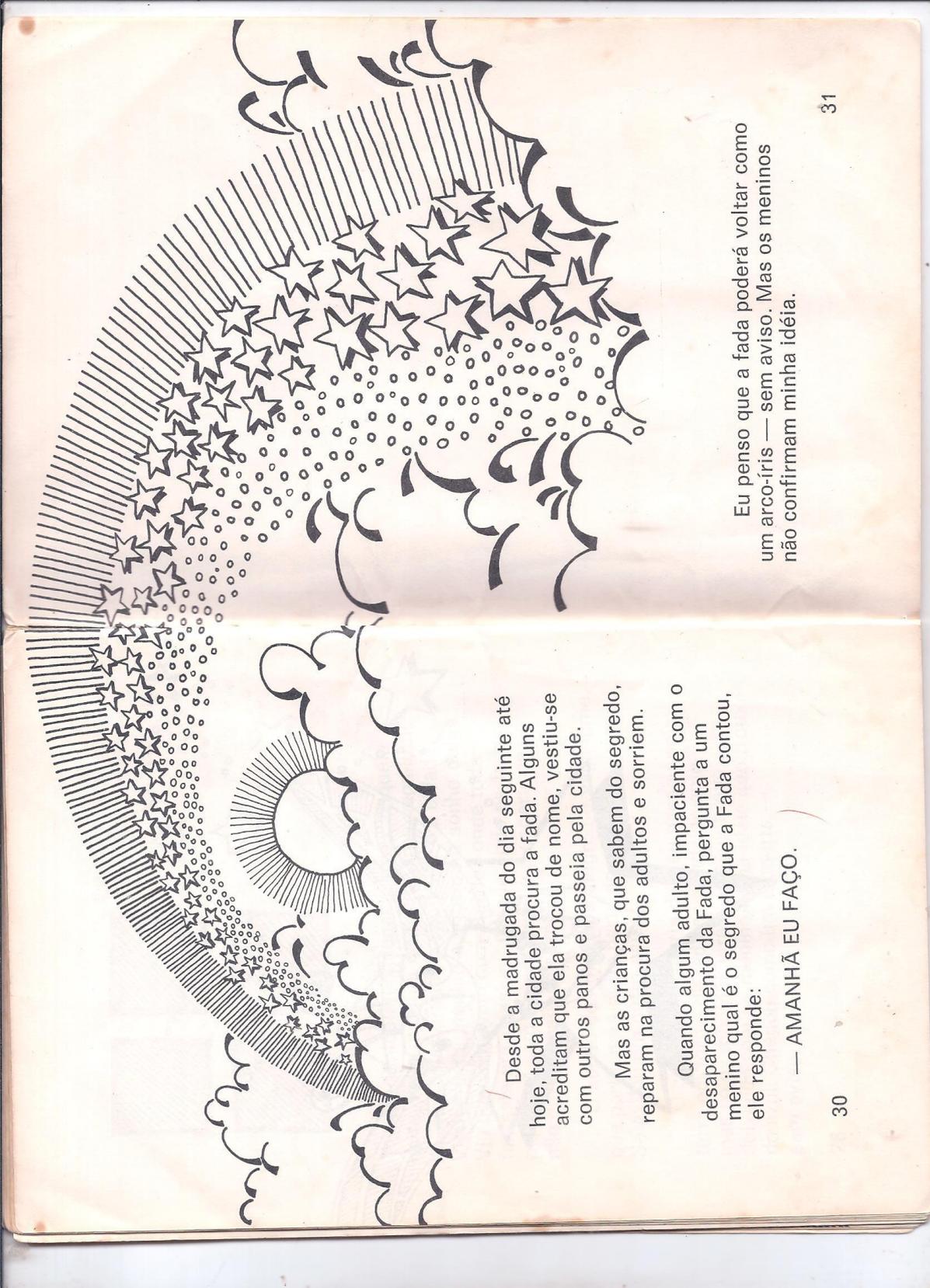


! Maria, idéia condenada, usou, naquela noite, seus poderes de fada. Virou vaga-lume. Passou pelas grades e voou sobre a cidade. Visitou cada menino e entrou no sonho deles. Viu que sonhavam com cidades onde toda fantasia era possível. Cidade onde as fadas moravam sem causar medo e a esperança não durava mais que um dia.!

O sonho dos meninos alegrou o vaga-lume, que partiu para outra parte do mundo. Se exilou em outro país.

O certo é que Maria do Céu passou pela terra em forma de fada e vestida de anjo, mas só os meninos viram. Passou breve, deixando com os meninos uma idéia que trouxe do azul. Chegou como um arco-iris — sem aviso.





Desde a madrugada do dia seguinte até hoje, toda a cidade procura a fada. Alguns acreditam que ela trocou de nome, vestiu-se com outros panos e passeia pela cidade.

Mas as crianças, que sabem do segredo, reparam na procura dos adultos e sorriem.

Quando algum adulto, impaciente com o desaparecimento da Fada, pergunta a um menino qual é o segredo que a Fada contou, ele responde:

— AMANHÃ EU FAÇO.

Eu penso que a fada poderá voltar como um arco-íris — sem aviso. Mas os meninos não confirmam minha idéia.